

## «Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou» (Jo 14,27)

### Testemunhos e desafios das Escrituras

**Introdução:** A expressão bíblica que escolhi como título e iluminação da minha apresentação: «Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou» de Jo 14,27 ambiciona condensar, em si, os horizontes de testemunho e desafio que a Escritura coloca a todo o leitor, na sua procura multifacetada de uma cultura da paz, no interior de um mundo em constante conflito.

Em Jo 14,27 o autor bíblico situa-se e situa-nos num ambiente muito delicado de despedida. Jesus pressente que estás prestes a deixar fisicamente os seus discípulos e procura oferecer-lhe palavras que procurem *garantir a certeza de um futuro com Jesus Cristo e n'Ele* (...Jo 14,<sup>3</sup>*virei novamente e hei-de levar-vos para junto de mim, a fim de que, onde Eu estou, vós estejais também...*<sup>14</sup>*Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, Eu o farei...*<sup>18</sup>*Não vos deixarei órfãos; Eu voltarei a vós!*<sup>19</sup>*Ainda um pouco e o mundo já não me verá; vós é que me vereis, pois Eu vivo e vós também haveis de viver...*<sup>26</sup>*o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, esse é que vos ensinará tudo, e há-de recordar-vos tudo o que Eu vos disse*). Voltaremos a referir este texto de Jo 14,27 com maior detalhe. Neste momento gostaria apenas de sublinhar um aspeto que me parece de grande relevância: a capacidade que o momento narrativo de Jo 14,27 tem de nos transportar para um horizonte de paz, sem omitir a travessia do conflito. Na verdade, as palavras que se seguem de imediato referem explicitamente: Jo 14,<sup>28</sup>*Ouvistes o que Eu vos disse: 'Eu vou, mas voltarei a vós.'*...<sup>29</sup>*Já não falarei muito convosco, pois está a chegar o dominador deste mundo; ele nada pode contra mim,*<sup>31</sup>*mas o mundo tem de saber que Eu amo o Pai e actuo como o Pai me mandou. Levantai-vos, vamo-nos daqui!*». O leitor é interpelado a reconhecer que, não obstante tratar-se de um texto de Revelação Divina, a Sagrada Escritura transporta no seu interior uma extraordinária travessia onde Deus e o ser humano tecem uma História de Salvação. Nesta História, entre Deus e o ser humano e os seres humanos entre si, *a paz e o conflito são omnipresentes*.

Esta percepção contém em si um apelo veemente a uma compreensão do mundo, da justiça e da paz que deve refazer-se permanentemente, tal como se refaz em cada dia a nossa compreensão da Palavra de Deus. De um modo ou de outro, todos vivemos projetados na imagem parcial de um paraíso só de harmonia. Distraidamente, esquecemos que começa, precisamente ali, no Éden bíblico, a realidade difícil da paz e a complexa convivência entre a paz e o conflito; a paz e a harmonia de um paraíso, onde Deus dá ao ser humano tudo o que precisa para a sua felicidade plena e onde o ser humano se sente desafiado a um mais que iguale ao seu Deus, iniciando um conflito que o leva à expulsão deste lugar de harmonia de vida e de relação.

De algum modo, todos desconhecemos *a riqueza da semântica bíblica da paz e do conflito*, tendendo a minimizar o extraordinário testemunho que as Escrituras nos oferecem, como uma Palavra de Deus, onde também podemos aprender a construir horizontes de reconhecimento e transformação, capazes de hospedar *a paz como um dom de Deus e de Jesus Cristo*; a única paz capaz de operar a verdadeira transfiguração de todo o conflito (humano, político, social...). A minha proposta é de tornar presente este testemunho das Escrituras. Inicio com a proposta de revisitarmos a semântica bíblica da paz, sublinhando algumas zonas obscuras de sentido, que incluem as dominantes dilacerantes e doloridas de conflito. Num segundo momento, eu sugiro uma leitura focalizada no modo como a Palavra de Deus nos conduz na construção de horizontes de transformação e de resolução do conflito. Num último momento, tentarei uma abordagem que ajude consolidar o Dom da Paz de Jesus Cristo em nós, como o sublime fundamento teológico cristão de uma cultura da paz.

## **1. Semântica Bíblica da paz**

O interesse de revisitarmos a semântica bíblica da paz reside no desconhecimento etimológico generalizado ou na banalização em que transformámos o termo hebraico *šalôm* e o termo grego *eirēnē*, ambos habitualmente traduzidos por *paz*.

Um primeiro aspeto a sublinhar são diferentes matizes de significado que o termo hebraico *šalôm* assume no interior da narrativa bíblica. No início do séc. XX, alguns

autores relacionavam o termo *šalôm* com a raiz *šlh* (estar calmo, tranquilo).<sup>1</sup> Esta posição não encontrou uma grande aceitação, deixando o significado do termo *šalôm* à mercê de um debate filológico que ainda hoje persiste. É neste contexto que atualmente algumas vozes defendem um significado de *totalidade*, enquanto outros preferem o significado *ter o suficiente*.<sup>2</sup> A verdade, é que a própria narrativa bíblica alimenta este debate e disseminação de significado. Por exemplo, em Is 60,20 a raiz *šlh* indica o fim da destruição de Jerusalém e a promessa de um tempo novo sob a bênção de Yhwh (*Nunca mais se porá o teu sol, nem a tua lua minguará; porque o Senhor será a tua luz perpétua, e os dias do teu luto findarão* (*w<sup>e</sup>šālmû*); em Jb 22,21 a raiz *šlh* aparece no contexto de uma argumentação que pretende de convencer Job a reconhecer o seu pecado perante Deus (*Reconcilia-te com ele e terás paz* (*š<sup>e</sup>lôm*) e, ainda em Job, esta mesma raiz *šlh* é usada duas vezes aludindo ao poder que Deus possui: em Jb 9,4 *Ele é sábio de coração, e forte em poder; quem se endureceu contra ele, e teve paz* (*wayîšlām*)? e Jb 41,11 *Quem o pode confrontar e ir em paz* (*wa'āšallēm*)?

Os matizes de significado multiplicam-se nas diferentes conjugações hebraicas, podendo assumir o sentido de *restituir, recompensar, pagar um voto*, principalmente nos textos que se relacionam com os preceitos legais (Ex 31,24; 31,36; Sl 37,21). Neste sentido, um texto curioso é o de 2Sm 12,6. David inconformado com a narrativa do profeta Natan, declara que o homem rico deve ser condenado à morte, mas também a devolver quatro vezes o valor da ovelha roubada ao pobre. A forma verbal utilizada é *y<sup>e</sup>šallēm* (devolver) e parece sugerir que a reparação pode conter, em si, a ideia de restabelecer a paz no pecador.<sup>3</sup> Este significado de reparação-paz assume um sentido particular quando Deus é o sujeito do verbo: em Is 57,18 Deus promete amparar o aflito com o conforto e em Jl 2,25 Deus promete repor o dano causado pelos gafanhotos às colheitas, como um modo de reparação-paz. A ideia de restituir ou retribuir aparece também em muitos textos, entre eles Jb 34,11 no contexto de debate da tradicional doutrina da retribuição, onde o jovem sábio tenta repetir ironicamente as palavras de Job: *Porque, segundo a obra do homem, ele lhe paga* (*y<sup>e</sup>šallēm*); e faz a cada um segundo o seu caminho. Esta ideia repete-se em 34,33 na pergunta: *Virá a ti a sua retribuição*

<sup>1</sup> Cf. F.J. STENDEBACH, *šalôm*, in *TDOT*, pp. 13-49; B.F. BATTO, “The Covenant of Peace”, *CBQ* 49 (1987) 187-211; G. BRAULIK, “Some Remarks on the Deuteronomistic Conception of Freedom and Peace”, in *Theology of Deuteronomy* (1994), 87-98.

<sup>2</sup> Cf. W. CASPARI, *Vorstellung und Wort “Friede”*, in *AT.BFCT* 14/4 (1910) 263-264; G. GERLEMAN, “Die Wurzel *šlm*“, *ZAW* 85 (1973) 1-14; idem, “*שָׁלַם šlm* to have enough“, *TLOT*, III, 1337-48.

<sup>3</sup> Cf. 2Rs 4,7; Pr 22,27; Ez 33,15.

(*y<sup>e</sup>šallmennāh*), *por discordares?* e em Jb 21,19.31 onde se questiona o facto de Deus ou alguém retribuir / punir o malvado tal como ele *merece* (*Será que Deus deixa para os filhos a sua retribuição (y<sup>e</sup>šallēm)? Quem acusará diante dele o seu caminho, e quem lhe dará a paga (y<sup>e</sup>šallem) do que faz?*). No entanto, a ideia que parece prevalecer, não é a de um restabelecimento da paz, mas de abalar as certezas de uma relação causa efeito.<sup>4</sup> Curiosamente, podemos, ainda, encontrar no livro de Job esta mesma raiz verbal com o significado de *pagar um voto*. Em Jb 22,27 um dos amigos de Job considera a possibilidade de um pagamento de um voto como algo que poderá restaurar a vida imediatamente a Job: *Orarás a ele, e ele te ouvirá, e pagarás (t<sup>e</sup>šallēm) os teus votos.*<sup>5</sup> O significado de «fazer a paz» aparece em Js 10,1.4 (*hišlímû*) para referir a paz que estabelecida entre os israelitas e os Gabaonitas e em 2Sm 10,19 (*yašlimû*) para indicar a paz entre Hadadezer e David. Esta mesma forma aparece em Pr 16,7 (*Se os caminhos do homem forem agradáveis ao Senhor, até a seus inimigos faz que tenham paz (yašlīm) com ele*).

*Em síntese*, penso podermos afirmar, que o termo hebraico *šalôm* se afasta de um sentido passivo que se limite a indicar a ausência de distúrbio ou hostilidade. O termo bíblico *šalôm* (*paz*) tem uma dimensão mais ampla de significado que pode agrupar-se em quatro categorias: (1) paz no sentido de integridade de vida ou de corpo (saúde); (2) paz no sentido de uma relação ou harmonia entre duas ou mais partes, frequentemente estabelecida através de uma aliança (Nm 25,12-13; Is 54,10; Ez 34,25-26), que no caso de implicar Deus supõe uma ‘oferta de paz’; (3) paz no sentido de prosperidade, sucesso ou realização (Lv 26,3-9); (4) paz no sentido de vitória sobre os inimigos ou ausência de guerra. É neste âmbito de significados diversos que o termo *šalôm* é usado como uma saudação e como uma bênção. A nossa tentativa de conseguir uma compreensão bíblica do termo *šalôm* tem de incluir uma aproximação ao contexto narrativo, de onde este termo evoca, essencialmente, uma relação, mais do que uma condição. É o caso dos textos onde se alude à Aliança que Deus estabelece com Israel (Ez 34,25 *Fui Eu, o Senhor, que o disse. Com ele farei uma aliança de paz; eliminarei de Israel as feras; habitarão com segurança no deserto e dormirão no meio das florestas. Conduzi-los-ei para as imediações da minha colina e farei cair a chuva no devido tempo: será uma chuva de bênção; 37,26 Farei com eles uma aliança de paz; será uma aliança eterna; Eu os*

<sup>4</sup> Cf. F.J. STENDEBACH, *šalôm*, in *TDOT*, pp. 13-49; D.J. WISEMAN, “‘Is it Peace?’”, *VT* 32 (1982) 311-326; P.B. YODER, *Shalom, the Bible’s world Today for salvation, Justice and Peace* (Newton 1987).

<sup>5</sup> Cf. *Ibidem*, 45.

*estabelecerei e os multiplicarei; e colocarei o meu santuário no meio deles para sempre. A minha morada será no meio deles. Serei o seu Deus e eles serão o meu povo.*) Nestes textos, normalmente, o termo *šalôm* indica fundamentalmente uma relação de paz, que depende da determinação daqueles que estabelecem a Aliança. Algo muito bem explícito em Is 54,10: *Ainda que os montes sejam abalados e tremam as colinas, o meu amor por ti nunca mais será abalado, e a minha aliança de paz (ûb<sup>e</sup>rît š<sup>e</sup>lômî) nunca mais vacilará. Quem o diz é o Senhor, que tanto te ama.*

O NT herdou a riqueza semântica do termo *šalôm*, tal como ele aparece ao longo de todo o AT. O termo grego *eirēnē* (paz), que traduz o termo hebraico *šalôm*, oferece três percepções fundamentais: (1) a paz como um sentimento e tranquilidade, um estado normal de todas as coisas; (b) a paz como um estado de reconciliação com Deus; (3) a paz como salvação de todo o ser humano num sentido escatológico. Todas estas percepções estão muito presentes ao longo da narrativa bíblica, mas a última (*a paz como salvação de todo o ser humano num sentido escatológico*) é, sem dúvida, a que mais se evidencia. Cite-se a título de exemplo Lc 1,79, onde a salvação esperada e anunciada no cântico de Zacarias aparece sintetizada na expressão: *A fim de dirigir os nossos pés pelo caminho da paz (eirēnēs)*; Lc 2,14 onde o anúncio do nascimento de Jesus reúne um paralelismo entre Glória e Paz *Glória a Deus nas alturas, paz (eirēne) na terra, boa vontade para com os homens*; Lc 19,42 *Ah! Se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz (eirēnen) pertence! Mas agora isto está encoberto aos teus olhos.*<sup>6</sup>

É impensável desligar ou entender a salvação proclamada pelo evangelho da paz (Ef 6,15 *Mantende-vos, portanto, firmes, tendo cingido os vossos rins com a verdade, vestido a couraça da justiça e calçado os pés com a prontidão para anunciar o Evangelho da paz*;) da salvação oferecida e realizada no dom da vida de Jesus Cristo (Jo 14,27 *Deixovos a paz; dou-vos a minha paz. Não é como a dá o mundo, que Eu vo-la dou. Não se perturbe o vosso coração nem se acobarde*). Este contexto narrativo assegura que o dom da paz, que Jesus deixa aos seus discípulos, não se reduz a uma simples paz interior ou exterior, mas uma plenitude que se amplia à realização de uma salvação Jesus realiza em nós. Estes textos bíblicos, entre outros são o testemunho mais veemente de que os discípulos da segunda e terceira geração, responsáveis pela redação dos textos bíblicos do NT, tiveram consciência do conteúdo deste dom da paz. Para eles foi muito claro que o dom da paz que Jesus lhes deixou, não se reduz a um desejo, mas de um dom que pode

<sup>6</sup> Cf. G. von RAD, εἰρήνη, εἰρήνῆω, TDNT 191-242.

*ser recebido ou rejeitado como tal; um estado de plenitude; uma salvação revelada e realizada em Jesus.*

Não seria honesto omitir um detalhe curioso das cartas de Paulo, onde o termo *eirēne* indica também a paz de cada ser humano com o seu semelhante. Em Rm 14,17 Paulo afirma: *Porque, o reino de Deus não é, comida nem bebida, mas justiça, e paz (eirēne), e alegria no Espírito Santo.* Segundo Paulo. O Reino de Deus não consiste, como eles pensavam, em trazer comida e bebida uns para os outros, *mas na prática da justiça, paz e alegria entre eles.* A referência explícita à paz indica que no Reino de Deus não haverá qualquer espécie de mal ou discórdia. Os que são capazes de servir a Cristo num ambiente destes agradam a Deus e são aceites pelos seus irmãos. *Não se trata de viver apenas na paz com todos; uma paz sem conflitos, mas de tomar consciência de que a construção do Reino de Deus se realiza na prática de uma paz e de uma harmonia no Espírito Santo.* Esta associação que Paulo estabelece com o Espírito Santo sugere uma ação e renovação constante da relação com Deus e dos seres humanos entre si. Não é algo estático, mas em permanente realização.<sup>7</sup>

## 2. Dominantes temáticas relevantes

Em ambos, AT e NT, *Deus aparece como origem, fonte e essência da autêntica paz.* Em Jz 6,24 Gedeão, depois de ver o mensageiro de Yhwh face a face e de escutar o próprio Deus que lhe diz: *A paz esteja contigo! Não temas, não morrerás,* ergue um altar a Yhwh e o chamou: ‘Yhwh é Paz’ (*Yhwh šalôm*). Em Nm 6,24-26 Deus fala a Moisés e, num contexto de Aliança, pede-lhe que abençoe os filhos de Israel entre outros dons com o da paz: *O Senhor te abençoe e te guarde; O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti; O Senhor sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz (l<sup>e</sup>kā šalôm).* É este contexto de Aliança que prevalece, ainda em Is 26,3, agora como um ato de confiança no próprio Deus da paz: *Aquele, cuja mente está firme em ti, Tu conservarás em paz (šalôm), em paz (šalôm) porque ele confia em ti.* É possível encontrar um eco desta confiança na saudação final de Paulo em 2Ts 3,16 (*Ora, o mesmo Senhor da paz (eirēnes) vos dê sempre paz (eirēnen) de toda a maneira. O Senhor seja com todos vós*).<sup>8</sup>

<sup>7</sup> Cf. V. HASLER, , εἰρήνη, *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento*, I (Salamanca 1996), 1200-1209.

<sup>8</sup> Cf. 1Cor 14,33; Rm 15,33; Hb 13,20 onde se repete esta ideia da paz como um dom de Deus.

O AT antecipa aquilo que o NT confirmará, de que *a paz de Deus nos é dada através do Messias*. Temos um exemplo significativo em Is 9,6-7: *Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: maravilhoso, conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz (šar šalôm).*<sup>9</sup> *A própria paz com Deus é um dom que nos é dado através de Cristo, do dom da sua morte e ressurreição (Rm 5,1 Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz (eiréne) com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo).*<sup>10</sup> Esta certeza transparece no testemunho dos primeiros cristãos, em At 10,36 (*A palavra que ele enviou aos filhos de Israel, anunciando a paz (eiréne) por Jesus Cristo, o Senhor de todos*).

A narrativa bíblica, não deixa, no entanto, de referir que *a paz de Deus só se sustém numa relação justa com Ele e com todos os seres humanos. A paz é, por isso, um dos frutos de justiça (Is 32,17-18 E o efeito da justiça será paz (haššēdāqāh šalôm), e a operação da justiça, repouso e segurança para sempre. E o meu povo habitará em morada de paz, e em moradas bem seguras, e em lugares quietos de descanso)*, que no Sl 85,10, o salmista descreve numa imagem de unidade: *A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz (šedeq w<sup>e</sup>šalôm) se beijaram.*<sup>11</sup> É neste contexto, que se denuncia a oposição entre os falsos profetas, definidos como aqueles que proclamavam cegamente a ‘paz a paz’, anunciando a esperança de criar a paz para os seus públicos (Jr 8,11; Ez 13,10; Mq 3,5) e os verdadeiros profetas defendiam que *não poderiam existir paz sem o direito e a justiça (Jr 6,14)*. Devemos situar, neste horizonte as palavras de Jesus: *Não cuideis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada (Mt 10,34)*.

A dimensão de uma paz futura, excelentemente anunciada em Is 11,6-11, onde os animais aparecem em pares surpreendentes (o lobo com o cordeiro, o leopardo com o cabrito, o bezerro com o leãozinho, a vaca com o urso, e o leão com o boi... todos conduzidos pela criança) coloca a ênfase numa harmonia conseguida no reino animal e deste com o ser humano. *A visão final é a de uma paz extensa que incluía a harmonia e produtividade (Am 9,13-15 ...trarei do cativo meu povo Israel, e eles reedificarão as cidades assoladas, e nelas habitarão, e plantarão vinhas, e beberão o seu vinho, e farão*

---

<sup>9</sup> Cf. Mc 5,4-5 (*E ele permanecerá, e apascentará ao povo na força do Senhor, na excelência do nome do Senhor seu Deus; e eles permanecerão, porque agora será engrandecido até aos fins da terra. E este será a nossa paz*)

<sup>10</sup> Cf. Ef 2,14-17; Cl 1,19-20; Hb 13,20.

<sup>11</sup> Esta unidade é inteiramente quebrada pelo agir do malvado (Is 48,22; 57,21 e Rm 2,9-10).

*pomares, e lhes comerão o fruto*).<sup>12</sup> As nações de todo o mundo ficarão sob o domínio do ‘príncipe da paz’ e saberão transformar as suas espadas e lanças em arados e foices (Is 2,4; Mq 4,3). Só então, Israel poderá sair com alegria e ser guiado em paz, presidido por uma ma infestação cosmológica ímpar: *os montes e os outeiros romperão em cântico diante de vós, e todas as árvores do campo baterão palmas* (Is 55,12). Contudo, os próprios profetas anteveem que *uma tal harmonia e manifestação será impossível fora de uma relação justa com Deus e daquele que será o príncipe da paz* (Is 9,6 *Porquanto um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado; tem a soberania sobre os seus ombros, e o seu nome é: Conselheiro-Admirável, Deus herói, Pai-Eterno, Príncipe da paz. Dilatará o seu domínio com uma paz sem limites, sobre o trono de David e sobre o seu reino. Ele o estabelecerá e o consolidará com o direito e com a justiça, desde agora e para sempre*; Jr 33,8-9). No NT esta percepção aparece, igualmente em inúmeros textos, entre eles, Ef 2,17 (*E, na sua vinda, anunciou a paz a vós que estáveis longe e paz àqueles que estavam perto*).

### **3. Horizontes bíblicos de transformação do conflito**

Todos conhecemos, com mais ou menos detalhe, a imensa travessia desenhada pela narrativa bíblica, onde *a paz e o conflito parecem e aparecem numa espécie de omnipresença que devemos compreender na sua especificidade*. Referimos já uma primeira situação de paz-conflito entre Deus e o primeiro par humano, estrategicamente bem situada nas narrativas da criação. Os primeiros 11 capítulos do Livro do Génesis prolongarão esta dinâmica de paz-conflito nas narrativas do primeiro fratricídio (Caim e Abel Gn 4), nas narrativas do dilúvio e da aliança com Noé (Gn 6-9); nas narrativas da torre de Babel (Gn 10-11). Elas constituem uma espécie de paradigma narrativo de uma História de Salvação, onde a dinâmica de paz-conflito persistirá na relação de Aliança entre Deus e o povo Israel e na relação dos membros deste povo entre si. São inúmeras as situações de infidelidade a Deus, de ciúme e de exploração do irmão. Lembremos a construção do bezerro de ouro no Sinai (Gn 32); as murmurações no deserto (Nm 11); o ciúme de Saul em relação a David (1Sm 18-19); as denúncias de Amós e de Jeremias sobre incoerência dos que procuravam a paz do templo depois de explorarem o pobre seu irmão (Am 5,1-27; Jr 7,1-15).

---

<sup>12</sup> Cf. Is 32,15; Jl 3,18.



Neste contexto gostaria de evocar o estudo de A. Wénin, que me parece muito oportuno pelo fato de não se limitar a constatar esta dinâmica de paz-conflito, mas de explorar, no interior da sua estratégia narrativa caminhos de reconciliação.<sup>13</sup> A. Wénin parte de um texto de Ez 37,15-28 onde as palavras do profeta revelam a memória ainda bem viva da ferida causada pela separação do reino do Norte e do reino do Sul, por ocasião da morte de Salomão (722 a.C).

Ez 37,<sup>21</sup> E então lhes dirás: Assim fala o Senhor Deus: Eis que Eu tomarei os filhos de Israel de entre as nações, por onde se dispersaram; vou reuni-los de toda a parte e reconduzi-los ao seu país.<sup>22</sup> Farei deles uma só nação na minha terra, nas montanhas de Israel, e apenas um rei reinará sobre todos eles; nunca mais serão duas nações, nem serão divididos em dois reinos.<sup>23</sup> Não se mancharão mais com os seus ídolos e nunca mais cometerão infames abominações. Eu os salvarei das suas rebeldias, pelas quais pecaram, e os purificarei; eles serão o meu povo e Eu serei o seu Deus.<sup>24</sup> O meu servo David será o seu rei e eles terão um só pastor; caminharão segundo os meus preceitos, observarão os meus mandamentos e os porão em prática.<sup>25</sup> Habitarão o país que Eu dei ao meu servo Jacob e no qual habitaram seus pais; aí ficarão eles, os seus filhos e os filhos de seus filhos para sempre. David, meu servo, será para sempre o seu chefe.<sup>26</sup> Farei com eles uma aliança de paz; será uma aliança eterna; Eu os estabalecerei e os multiplicarei; e colocarei o meu santuário no meio deles para sempre.<sup>27</sup> A minha morada será no meio deles. Serei o seu Deus e eles serão o meu povo.<sup>28</sup> Então, reconhecerão as nações que Eu sou o Senhor que santifica Israel, quando tiver colocado o meu santuário no meio deles para sempre.»

A esperança de ver Deus reerguer o seu povo da morte (Ez 37,1-14) e concluir com ele uma aliança de paz aparece ligada ao desejo de uma reunificação sob um só rei. Disto depende, aos seus olhos, o bem-estar e a fecundidade de Israel (*lešalôm*), mas também a possibilidade de Deus poder estar presente no seu meio, permitindo que a vida deste povo possa constituir um testemunho para todas as nações. Para que isto seja possível, é vital uma reconciliação. Porém, esta reconciliação não é possível sem a renúncia à idolatria e a outras abjeções, que permitam uma vida de relação com Deus e com os irmãos. Ezequiel descreve esta reconciliação como um processo, um movimento paralelo ao do regresso do Exílio esperado pelo profeta. A idolatria e o pecado tornam-se, à luz do profeta, lugares de errância humana que são também lugares de *ra'*, maldade e de infelicidade. A. Wénin questiona-se sobre a possibilidade de narrativas como estas poderem ajudar-nos a compreender em que lugares de idolatria e de pecado, nós continuamos também a nos perder, sobretudo, quando admitimos viver separados, enquanto pessoas, sociedades e

<sup>13</sup> Cf. A. WENIN, «Des chemins de réconciliation. Récits du Premier Testament», *Irénikon* 68 (1995) 307-324.

igrejas? Reconhecer estes lugares que separam, dividem, onde a vida se torna uma armadilha de morte pode constituir um passo importante na direção de paz e da fraternidade.

#### *Assumir o egocentrismo que divide*

Quando Roboão, filho de David, recusa entender a proposta das tribos do Norte, recusando escutar e anunciando um reforço do seu poder e um endurecimento da sua ação, as tribos do Norte escolhem como rei Jeroboão. *O conflito agrava-se e desvanece-se a possibilidade da unidade e da paz. Porém, a narrativa esconde um desafio, que vai mais além do simples jogo de poderes.* Em 1Rs 11,9-11 Deus anuncia a Salomão a divisão do Reino, alegando explicitamente a causa da idolatria de Salomão. A. Wénin considera este anúncio um lugar escondido que une a idolatria denunciada por Deus aos abusos de poder rejeitados pelas tribos do Norte. Na verdade, *por detrás dos deuses que Salomão adorava, escondiam-se as sombras do poder, do prestígio e da riqueza.* Era a estes deuses que Salomão sacrificava a liberdade e o bem-estar do seu povo. Neste sentido, *a separação querida por Deus, torna-se um modo de desmascarar a idolatria de um rei que centra tudo em si, fazendo de tudo e todos instrumentos da sua glória,* procurando eliminar todos os que se opõem a ele, a fim de ter um povo aos seus pés (1Rs 11,40 *Salomão procurou matar Jeroboão; mas ele levantou-se e fugiu para o Egito, para junto de Chichac, rei do Egito, onde permaneceu até à morte de Salomão; 12,21 Roboão chegou a Jerusalém, reuniu toda a casa de Judá e a tribo de Benjamim, ou seja, cento e oitenta mil guerreiros de elite, para lutar contra a casa de Israel, a fim de restituir o reino a Roboão, filho de Salomão. Foi então que a palavra de Deus foi dirigida ao homem de Deus Chemaías, dizendo: «Fala a Roboão, filho de Salomão, rei de Judá, e a toda a casa de Judá e Benjamim e ao restante povo e diz-lhes: Assim fala o Senhor: 'Não façais guerra contra os vossos irmãos, os filhos de Israel! Volte cada qual para a sua casa, pois fui Eu mesmo quem provocou este acontecimento.'» Eles ouviram as palavras do Senhor e voltaram para procederem segundo a palavra do Senhor).*

#### *Saber reconhecer os nossos medos de alteridade e de diferença*

Nós podemos entrever aqui um eco à narrativa de Babel (Gn 11), onde Deus aparece como aquele que semeia a divisão e dispersão, perante um projeto de aparente unidade centrado numa torre de onde tudo poderia ser visto e dominado. Na verdade, o início da

narrativa mostrara que este projeto era sobretudo de uniformidade (*Em toda a Terra, havia somente uma língua, e empregavam-se as mesmas palavras* Gn 11,1). A unidade dos habitantes de Babel é a de resistir à diferenciação, por medo da dispersão (Gn 11,4b). Esta resistência conduziu a uma confusão, da qual Babel se tornou um símbolo. Perante o sonho da uniformidade, Deus prefere resolutamente, a dispersão que consagra todas as diferenças (Gn 11,7-8). É este o modo que a narrativa bíblica encontra para denunciar a ilusão de uma unidade original; uma indistinção que esmaga os seres humanos das suas legítimas diferenças.<sup>14</sup>

A divisão criada por Deus torna-se um mal menor, embora carregue em si algo de desastroso. Normalmente, o que alimenta as divisões é estranhamente semelhante ao que gera a unidade mortífera; a tendência do ser humano de fazer-se o centro de tudo. É, por isso, que se tem medo de alteridade e da diferença; duas faces de uma mesma realidade, que chamamos de avidez ou cobiça; os maiores obstáculos a toda a construção de unidade e da fraternidade. Estes obstáculos recordam-nos de imediato a narrativa de Caim e Abel (Gn 4). Deus diz claramente a Caim que a avidez e cobiça que se instalou nele são semelhantes a uma besta selvagem, que pode ser dominada. Se ele não o fizer, ele arruinará todas as hipóteses de fraternidade. É certamente, por isso, que segundo a narrativa bíblica, Caim não diz uma única palavra ao seu irmão (Gn 4,8).

#### *Acreditar no caminho lento da paz e da fraternidade*

Caim e Abel são a primeira de uma longa série de narrativas bíblicas sobre a dinâmica de paz-conflito fraterno. Como se o autor bíblico nos quisesse advertir que a fraternidade, para se construir, deve aprender a atravessar a prova da cobiça e da avidez... Depois de Caim e Abel, o horizonte será sempre o mesmo para: Abrão e Lot, Ismael e Isaac; Esaú e Jacób; Jacob e Labão, Lea e Raquel, José e os seus irmãos. Uma tal convergência, diz-nos A. Wénin, leva-nos a pensar que o pão quotidiano da fraternidade é a tensão, a oposição e o conflito. A paz fraterna é algo que requer uma lenta maturação dos seres humanos adultos, que são capazes de atravessar o conflito, as divisões e a reconciliação. A narrativa bíblica é muito perspicaz quando no caso de Jacob e Labão nos mostra como a sua capacidade de renunciar à acusação, à mentira ou a usurpação, os protege de uma cobiça ou avidez destrutiva da relação (Gn 29-31). Acontece algo de

---

<sup>14</sup> Cf. A. WENIN, «Des chemins de réconciliation», 3.

semelhante a Esaú e Jacób. Embora, neste caso, o autor bíblico sublinhe a importância de uma separação temporária. No entanto, Jacób deixa de ver Esaú como um irmão, tornando-o um adversário que não pode senão desejar vingar-se dele, que ele tenta seduzir com presentes... Algo se passa na sua luta noturna (Gn 32,25-33). Ali, na verdade de um face-a-face, Jacób emerge da noite da sua vergonha, onde dissimulara a sua vulnerabilidade, para se proteger do outro. Diante de si mesmo e no encontro com Deus, ele deixa de ter medo do seu irmão; uma etapa essencial no caminho da paz e da reconciliação.

Mais tarde, na narrativa, será mais uma vez a fome e o medo que levam Jacób a enviar, sem o saber, os irmãos a José (Gn 42,1-25). O seu desejo de vida vai permitir o desfecho de uma relação truncada pela inveja e cobiça. José, face aos seus carrascos, deve renunciar à vingança. A arte do narrador bíblico não nos permite perceber se esta renúncia é imediata. O plano que ele elabora esconde o seu desejo de fraternidade, mas também o seu realismo. José sabe agora que a fraternidade é impossível sem a renúncia à inveja e que uma tal renúncia não se realiza sem dor. Aquele que ele obriga primeiro a confrontar-se com o seu egoísmo é Jacób. O plano de José obriga-o a escolher entre a morte de todos e a presença de Benjamim. Se ele deseja verdadeiramente que todos vivam, verdadeiramente como um pai de todos, precisa de renunciar ao poder que ele exerce sobre este seu filho querido que ele protege dos outros irmãos, para se proteger a si mesmo a sua própria morte. Deve renunciar e confiar nos outros filhos e deixar partir o filho que lhe resta. Esta renúncia realiza uma espécie de morte em si mesmo, sinal de que algo deve morrer nele (Gn 42,29). Os próprios irmãos percorrem, também, um caminho de renúncia à sua inveja (Gn 43,15-44,34). Juda oferece-se para ficar, como escravo, no lugar do seu irmão, Benjamim, a fim de proteger o amor preferencial que faz viver o seu pai.

O sofrimento de todos torna-se o crisol de uma fraternidade vital, onde se enraíza a paz (*šalôm*) que faz viver. Na verdade, Jacób enviara José dizendo-lhe: *Peço-te que vás ver a paz ('et-šalôm) dos teus irmãos, a paz ('et-šalôm) do gado, e faz voltar a mim uma palavra* (Gn 37,14). Por isso, é também uma palavra de paz que José enviará ao seu pai através dos seus irmãos: a palavra que une a família e a recupera dos lugares de inveja e de morte. Porque a morte permitiu gerar a vida e o amor nasceu do ódio, que José pode reconhecer na sua história a presença de Deus: *Não temais; estou eu no lugar de Deus? Premeditastes contra mim o mal. Mas Deus aproveitou-o para o bem, a fim de que acontecesse o que hoje aconteceu, e um povo numeroso foi salvo* (Gn 50,20). É portanto,

o desejo de vida, que é próprio de Deus, que é o motor da reconciliação e da paz nos diversos lugares de conflito. É ele que move o coração do ser humano à renúncia e à construção de relações justas. Porque o desejo de vida é mais forte, Jacób renuncia à posse egoísta de Benjamim. Porque a sabedoria tinha gerado nele um desejo de viver e de fazer viver, que José renúncia à vingança. Porque queriam viver, os irmãos souberam dizer não ao rancor invejoso e à mentira que os privava do seu pai e do seu irmão. A confiança que eles estabelecerão entre eles não é fruto de um idealismo que ignora o mal, mas uma desconfiança vencida pelo desejo de viver.

Estas narrativas permitem desenhar alguns traços relevantes da dinâmica paz-conflito que atravessa as primeiras páginas da narrativa bíblica, com um eco paradigmático em toda a revelação bíblica:

- *A divisão pode ser positiva* se ela for um obstáculo a uma unidade forçada por um poder que procura saciar a sua avidez, ou uma oposição a uma indistinção que resulta num medo das diferenças.

- Para que possa existir uma fraternidade, que jamais nos será dada antecipadamente, *há que percorrer um longo caminho*. Neste caminho, Labão e Jacób ensinam-nos a importância de uma palavra verdadeira. Saber falar a verdade, no interior das relações conflituais e dizer a injustiça de que se é vítima permite abandonar a mentira e a desconfiança recíproca. Só isto permite o respeito mútuo, ainda que seja necessária, alguma, distância necessária para garantir o espaço de cada um. Jacób mostra-nos que para nos reconciliarmos com o outro, é preciso que nos encontremos a nós mesmos, com os nossos limites e vulnerabilidades... só assim podemos dar lugar ao outro. Com José aprendemos que *que só o desejo de vida cria em nós a força de renunciar e assumir uma morte que permita paz e vida para todos*.

#### **4. Vislumbrar o papel crucial de Cristo**

Quando chegamos às Escrituras Cristãs (NT) e tentamos tatear o cerne da verdadeira existência cristã, sabemos que existe uma única História de Salvação que nos ilumina o caminho. As narrativas bíblicas do Livro do Génesis evocadas são um exemplo veemente. Porém, temos e devemos prosseguir a leitura e o testemunho registado também nas Escrituras Cristãs. Nelas encontramos ‘um mais’ (uma plenitude) que oferece uma

configuração própria e plena à dinâmica paz-conflito vivida pelos primeiros cristãos, exemplificativa para os cristãos de todos os tempos.

Alguns teólogos exegetas defendem que as palavras mais eloquentes (plenas) de toda a Revelação Bíblica sobre a paz são as de Jesus aos seus discípulos na noite anterior à da sua agonia. A sua percepção de um confronto eminente com os seus opositores, não o descentra de uma força e ânimo que é necessário garantir aos seus discípulos. Fá-lo dizendo-lhes: *Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou, a dou não como o mundo a dá. Não deixeis que o vosso coração se perturbe, nem tenhais medo* (Jo 14,27). O momento narrativo reveste-se de imensa solenidade. O autor bíblico usa pela primeira vez o termo *eirēnē* (paz), como um tesouro que guardara para este momento particular.<sup>15</sup> No dom da sua paz, Jesus oferece aos seus discípulos a certeza de que não ficarão sós. Ele estará sempre com eles, porém os discípulos terão de aprender a viver desta paz de Jesus, em todas as vicissitudes da sua vida (dor, injustiça, desastre, perseguição...), como um lugar de presença do próprio Jesus.

Na expressão *a minha paz*, Jesus alude não só ao modo, mas à natureza da paz que ele deixa aos seus discípulos. Não se trata de uma paz qualquer, mas da força e serenidade interior do próprio Senhor Jesus; a sua absoluta confiança no Pai. Esta é a sua própria paz; a sua interioridade mais profunda, que o mantém sereno e forte em tudo, inclusive no meio dos que gozam com a sua figuração (durante a sua vida) e desfiguração (momentos que antecedem a sua morte). De facto, a narrativa bíblica da paixão inspirou pintores, poetas, escritores e cineastas... em todos eles, mesmo nos que nos podem parecer mais dilacerantes e violentos, há uma serenidade na pessoa de Jesus que eles são incapazes de desvanecer: diante de Pilatos, Jesus é um homem sereno, deixando-o em total estado de confusão e perturbação. Pilatos fica fora de si, diante de um Jesus sem medo, e consegue apenas dizer-lhe: *Não me falas a mim? Não sabes tu que tenho poder para te crucificar e tenho poder para te soltar?* (Jo 19,10) O autor bíblico insiste em sublinhar a paz que domina Jesus, que serenamente responde: *Nenhum poder terias contra mim, se de cima não te fosse dado; mas aquele que me entregou a ti maior pecado tem.* (Jo 19,11). É esta a paz que Jesus deixa aos seus discípulos: uma paz firme, sem medo e confiante. Esta paz não se adquire só por mérito de boas ações, de muitas orações,

---

<sup>15</sup> Note-se a diferença com os textos de evangelho Sinópticos, nomeadamente Lc 1,79; 2,14 ou mesmo Mc 5,34.

penitências ou estatuto; ela é um Dom que Cristo oferece gratuitamente àqueles que acreditam nele. Os discípulos não lha pediram, Jesus é quem toma a iniciativa de a dar.

Jesus faz questão de lhes dizer que é uma paz que ele dá *não como o mundo a dá* (Jo 14,28). É uma paz que não coincide com a paz do mundo: a paz das falsas promessas de segurança (cf. Jr 6,14); a paz dos fins aparentes de um conflito. A paz que Jesus dá é a Sua paz, a paz que provém do coração da sua vida (Jo 14,19); do seu amor desmedido (Jo 14,21; 23); da sua alegria singular (Jo 15,11; 16,22); é a paz do Dom da sua própria vida dada até ao fim (Jo 17,13); a paz do amor crucificado e consumado entregue nas mãos do pai (Jo 19,30).<sup>16</sup>

Curiosamente, esta paz encontra um eco surpreendente na esperança escatológica de Israel (cf. Is 52,7 *Como são formosos são sobre os montes os pés do mensageiro que anuncia a paz, que anuncia a boa-nova, e que proclama a salvação! Que diz a Sião: O rei é o teu Deus!*; 54,10 *Ainda que os montes sejam abalados e tremam as colinas, o meu amor por ti nunca mais será abalado, e a minha aliança de paz nunca mais vacilará. Quem o diz é o Senhor, que tanto te ama*; Ez 37,26-28 *Farei com eles uma aliança de paz; será uma aliança eterna; Eu os estabecerei e os multiplicarei; e colocarei o meu santuário no meio deles para sempre. A minha morada será no meio deles. Serei o seu Deus e eles serão o meu povo*; Zc 9,10).

Em Jesus, por Jesus e com Jesus a paz anunciada pelos profetas de Israel, atinge a sua realização e plenitude. Tal como o contexto religioso e social difícil e doloroso que estes textos proféticos evocam, também a paz que Jesus dá aos seus discípulos não é uma paz de complacência rodeada de imperativos sentimentais. A humanidade de todos os tempos conhece bem a fragilidade da paz que o mundo dá. Deste a segunda guerra mundial, apesar de todo o conhecimento e esforços na construção de um mundo de paz, tem existido uma média de três novos focos de conflito em cada ano. A revista “The New York Times”, um dia chegou mesmo a colocar a observação que ‘a paz é uma fábula’ (‘peace is a fable’). Muitos desejam uma paz que é apenas uma fuga aos problemas. Muitos fazem-no através do álcool, drogas... os meandros de uma paz política e internacional são de uma complexidade quase intransponível, tornando todos os esforços e diálogos de paz temporários...

---

<sup>16</sup> Cf. G.R. O'DAY, *The Gospel of John. Introduction, Commentary and Reflections*, (The New Interpreter's Bible, IX) (Nashville, TN 1995) 750-752.

Uma paz assim faz-nos entender que longe de Deus não existe uma paz verdadeira neste mundo. O ser humano sem Deus, nunca conhecerá a verdadeira paz, ainda que possam conhecer alguns tempos de tranquilidade. A paz de Deus, que nos é dada na pessoa de Jesus Cristo não emerge de emoções ou de circunstâncias, mas de uma atitude interior de verdade e de relação com Deus e com os outros seres humanos.

Em Jr 6,14 o profeta diz-nos: *Na verdade, desde o maior ao mais pequeno, todos se entregam à ganância desonesta; desde o profeta ao sacerdote, todos praticam a fraude. Tratam com negligência as feridas do meu povo, exclamando: 'Paz! Paz!' Mas não há paz (šalôm, šalôm w'ên šalôm). Existe um proceder iníquo que inviabiliza os esforços e desejos de paz.* Por isso, o Senhor Deus exorta o profeta a voltar o povo para Deus com palavras de reconhecimento: *Esperávamos a paz, mas nada há de bom (qawweh l'šalôm w'ên tób); esperávamos a hora do alívio, mas só vemos angústia! Senhor! Conhecemos a nossa culpa e a iniquidade dos nossos pais. Pecámos realmente contra ti. Mas, por amor do teu nome, não nos abandones nem desonres o trono da tua glória. Lembra-te de nós, não anules a tua aliança conosco (Jr 14,19-21).*

Em Rm 12,17-21 Paulo exorta os cristãos a: *Que o vosso amor seja sincero. Detestai o mal e apegai-vos ao bem. Sede afectuosos uns para com os outros no amor fraterno; adiantai-vos uns aos outros na estima mútua. Não sejais preguiçosos na vossa dedicação; deixai-vos inflamar pelo Espírito; entregai-vos ao serviço do Senhor. Sede alegres na esperança, pacientes na tribulação, perseverantes na oração. Partilhai com os santos que passam necessidade; aproveitai todas as ocasiões para serdes hospitaleiros.* <sup>14</sup> *Bendizei os que vos perseguem; bendizei, não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram, chorai com os que choram. Preocupai-vos em andar de acordo uns com os outros; não vos preocupeis com as grandezas, mas entregai-vos ao que é humilde; não vos julgueis sábios por vós próprios. Não pagueis a ninguém o mal com o mal; interessai-vos pelo que é bom diante de todos os homens. Tanto quanto for possível e de vós dependa, vivei em paz com todos os homens... É que o Reino de Deus não é uma questão de comer e beber, mas de justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Rm 14,17).*

*De resto, irmãos, sede alegres, tendei para a perfeição, confortai-vos uns aos outros, tende um mesmo sentir, vivei em paz e o Deus do amor e da paz estará convosco (2Cor 13,11); Reine nos vossos corações a paz de Cristo, à qual fostes chamados num só corpo. E sede agradecidos (Cl 3,15).*



Estas palavras de Paulo atualizam as de Jesus, quando no monte das Bem-aventuranças coloca num interior de um projecto de felicidade a afirmação: *Felizes os que fazem a paz, porque serão chamados Filhos de Deus* (Mt 5,9).<sup>17</sup> Curiosamente, esta bem-aventurança é seguida de imediato pela bem-aventurança da perseguição... Sugerindo que os que se empenham na causa da paz, não estão livres de uma perseguição e conflito, que coloque em risco a sua própria vida.

O apelo explícito que Jesus faz, de que os seus discípulos não deixem que o seu coração se perturbe ou se deixem dominar pelo medo é extremamente desafiador. A paz que Jesus lhes dá, a sua paz, a sua força interior, deve permitir aos seus discípulos serem capazes de se manterem firmes na fé, mesmo nas circunstâncias mais difíceis. Os discípulos devem alimentar dentro de si uma paz capaz de dominar as vicissitudes mais cruéis da vida e não deixar-se vencer por elas. Nós sabemos que foram e são ainda hoje muitas e de contornos, por vezes bem difíceis e cruéis.<sup>18</sup>

Não se trata de uma paz que se vitimiza pelos acontecimentos, mas uma paz que denuncia, age em favor da vida; uma convicção firme de que *Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas?* (Rom 8,32). É a calma do coração depois da tempestade do Calvário. É a paz de que Paulo nos fala em Fl 4,7: *a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus.* (Fl 4,7); uma paz que não se apoia nas circunstâncias do mundo e nem sempre é compreensível à mente humana.

Paulo conhece esta paz, a força interior que o levou a suportar momentos de grande dificuldade, alguns dos quais refere na 2Cor 11,24-29: *Cinco vezes recebi dos Judeus os quarenta açoites menos um. Três vezes fui flagelado com vergastadas, uma vez apedrejado, três vezes naufraguei, e passei uma noite e um dia no alto mar. Viagens a pé sem conta, perigos nos rios, perigos de salteadores, perigos da parte dos meus irmãos de raça, perigos da parte dos pagãos, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos da parte dos falsos irmãos! Trabalhos e duras fadigas, muitas noites sem dormir, fome e sede, frequentes jejuns, frio e nudez! Além de outras coisas, a minha preocupação quotidiana, a solicitude por todas as igrejas!* Por isso, ninguém como ele pode dizer: *Trazemos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que se veja que este*

<sup>17</sup> O uso do passivo teológico sugere que serão chamados por Deus... não pelos irmãos.

<sup>18</sup> Cf. R. SCHNACKENBURG, *The Gospel According to St. John* (New York, NY 1982) 3:84.

*extraordinário poder é de Deus e não é nosso. Em tudo somos atribulados, mas não esmagados; confundidos, mas não desesperados; perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não aniquilados. Trazemos sempre no nosso corpo a morte de Jesus, para que também a vida de Jesus seja manifesta no nosso corpo. Estando ainda vivos, estamos continuamente expostos à morte por causa de Jesus, para que a vida de Jesus seja manifesta também na nossa carne mortal (2Cor 4,8-11).*

Paulo fala de um poder de Deus que permite manter-se firme, sereno, em paz, mesmo no meio de pequenas ou grandes tribulações interiores ou exteriores. Ele próprio experimentou que estas tribulações podem martirizar a carne, mas não a fé. Como ele, os primeiros cristãos experimentaram que as diversas dificuldades e conflitos que viveram associavam todo o seu ser à morte de Cristo, à sua confiança total no Pai, acreditando que só assim a vida e a paz de Jesus se manifestam plenamente neles.

Um exemplo da força extraordinária da sua firmeza da sua fé e da paz interior que receberam de Cristo ficou escondida nas palavras do texto lucano do Magnificat. Nem sempre prestamos a devida atenção a estas palavras (Lc 1,45-56), por isso, nem reparamos que algumas palavras não dizem de todo respeito à situação que Maria está a viver:

51 *Agiu com a força do seu braço,  
dispersou aqueles que possuem*  
52 *Depôs os soberanos dos seus tronos  
e exaltou os humildes.*  
53 *Aos famintos encheu de bens  
e aos ricos despediu de mãos vazias.*

Alguns autores pensam que o canto do Magnificat, como outros hinos cristãos (Ef. Fl.) tem a sua origem nas situações de grande conflito e sofrimento das comunidades judeo-cristãs. Estes autores identificam nestas comunidades o tipo de fé próprio daqueles que não só vivem com grandes dificuldades como partilhavam entre si de uma confiança em Deus (cf. At 2,43-47; 4,32-37). Estavam entre eles os pobres, humildes, doentes, viúvas e órfãos; todos os que se consideravam ‘o pequeno resto’ de Israel que tinham visto na atitude de Jesus de abençoar os pobres, os famintos, os oprimidos e os perseguidos (cf. Lc 6,20-22), e na sua confiança em Deus (cf. Lc 23,46) a realização das suas expectativas messiânicas. Foi desta fé profunda que nasceu o Magnificat como uma expressão de alegria diante da salvação realizado em Jesus.

Relacionando-o com a narrativa da concepção e do nascimento, que acentuam a perspectiva salvífica, Lucas coloca o Magnificat na boca daquela que para si incarnava

este tipo de fé: Maria, a serva do senhor, obediente à sua palavra, a primeira a crer na realização das promessas. Para o autor bíblico, Maria é a primeira a crer e a experimentar a salvação de Deus realizada em Jesus Cristo. Nos lábios de Maria a fé dos primeiros cristãos adquire um significado novo e definitivo e corporiza ao dom da paz de Jesus na vida dos seus discípulos.

**Conclusão:** parece-me poder afirmar que o testemunho bíblico da dinâmica da paz é suficientemente rico e estimulante no processo que podemos desenvolver em cada um de nós e nos grupos sociais e religiosos em que estamos presentes, como cristãos. Deus está na História, e não assistindo à história, como quem vê um filme interessado no que está a acontecer, sem se envolver. Na pessoa de Jesus Cristo, Deus revela o seu total envolvimento com a História e com a vida do mundo. Tudo isto envolve uma fé firme, esclarecida, que se aprofunda na relação com Deus e com os outros seres humanos e na dor de cada dia. Foi ali que a paz de Jesus ganhou a sua consistência e maturidade.

Refletir sobre as questões da paz no mundo hoje, olhando o testemunho das Escrituras, não pode limitar-se a um olhar, mais ou menos elevado e complacente, das palavras de um texto que afirmamos como sagrado. O testemunho da palavra de Deus ilumina a realidade da paz e do conflito em que vivemos hoje. Por isso, gostaria de terminar evocando a situação difícil e dolorosa dos cristãos, ainda hoje, no Médio Oriente. Onde apesar da morte, da destruição das igrejas, das perseguições... muitos cristãos continuam ali a semear a paz e a esperança. Neste sentido, gostaria de terminar com a oração de uma religiosa libanesa, que se tornou famosa pela sua intuição de unir as técnicas do canto sagrado oriental às do canto sagrado ocidental. Ela própria, num momento difícil do seu país – guerra no Líbano – formou uma pequena orquestra com músicos de várias confissões religiosas «Ensemble pour la paix».

A este testemunho de alguém que sente no sangue e na carne a dor dos cristãos mortos e perseguidos do Médio Oriente, gostaria de juntar um outro que dá a esta apresentação uma beleza singular. Ele vem também do Líbano. Sublinhe-se que o Líbano é o país com a maior diversidade religiosa no Oriente Médio / reconhecido por João Paulo II e Bento XVI como um modelo de coexistência entre as diferentes comunidades religiosas para toda a região do Médio Oriente. Num esforço de unidade nacional foi instituído um feriado Islame-cristão, sob a inspiração da Anunciação a Maria, símbolo do pluralismo e

da tolerância que se deseja viver. A cantora (Tania Kassis) compôs a partir da Avé Maria de Caccini o canto Avé Maria – Islame-Cristão.

Numa nota muito importante, gostaria de recordar que em hebraico Avé Maria se diz: Shalom lach Miriam (paz para ti Maria). No momento, singular da encarnação de Jesus, o Céu dirige-se à terra e a primeira coisa que tem a dizer é «a paz para ti...». A partir daquele momento, Maria irá conhecer uma paz que nunca conhecera, nas tranquilas paisagens da Galileia. Irá debater-se com o mistério de Deus na pessoa de Jesus, irá sofrer a dor da carne da sua carne crucificada... a sua presença no grupo dos discípulos, é reveladora da força que a paz de Jesus gerou nela. Maria nunca desesperou e não abandonou... recebeu o discípulo em sua casa e ela própria se torna uma discípula entre os discípulos, amados e perseguidos.

Luísa Maria Almendra